

ESCUITA DE UM CORPO ENTRE TEMPOS

Thais Regina Villanova Petzhold (Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS)¹

RESUMO

O presente texto discorre sobre as questões e desafios que inspiraram a performance “Corpo Entre Tempos” apresentada no XI ABRACE. Questões que surgem no decorrer da pesquisa de mestrado e acabam por estruturar movimentos metodológicos e saberes epistemológicos da própria pesquisa. O reconhecimento do corpo-experiência como local de convergência, consciência e impermanência. Existe correspondência entre o corpo da performance e o corpo da escrita quando se desenvolve pesquisa auto-etnográfica em arte? Quem é o sujeito que performa, pesquisa e escreve no atravessamento dos tempos? Em qual tempo estão ancoradas essas ações?

PALAVRAS-CHAVE

Escuta; corpo; entre; performance; tempo; dança.

ABSTRACT

This text discusses the issues and challenges that inspired the performance “Corpo Entre Tempos” presented at the XI ABRACE. Questions that arise during the master's research end up structuring methodological movements and epistemological knowledge of the research itself. The recognition of the experience versus body relationship as a place of convergence, awareness, and impermanence. Is there a connection between the body of performance and the body of study when developing auto-ethnographic research in art? Who is the subject performing, researching, and writing in the crossing of time? At what time are these actions anchored?

KEYWORDS

Listening; body; within; performance; time; dance.

¹ Thais Regina Villanova Petzhold – Graduada em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientada pela Professora Doutora Luciana Paludo. Bolsa de Demanda Social da CAPES. Dançarina, performer e coreógrafa.



Figura 1 - Porto Alegre, abril de 2007.² Figura 2 - Xangrilá, junho de 2021.³

CORPO ENTRE TEMPOS

Este texto é escrito durante a fase de finalização da minha pesquisa de mestrado no PPGAC da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nos dias que seguem a participação no XI ABRACE quando performei e participei do GT Estudos da Performance e tem como objetivo refletir sobre as questões mobilizadoras da performance-apresentação “Corpo Entre Tempos” – o corpo como lugar onde os tempos se cruzam e convivem. Lugar do “entre” dos tempos, da concomitância dos tempos. **Corpo** passado, presente e futuro. Local de convergências e multiplicidades. O corpo que performa, pesquisa e escreve. O corpo de hoje que evoca experiências do ontem buscando significados que possam reverberar no amanhã.



Figura 2 - Recife, 2012.⁴

²Grávida de 7 meses do Yuri, meu primeiro filho. Projeto “Percurso Infinito”. Foto de André Chassot.

³ Foto de vídeo de André Chassot.

⁴Com Elder Vasconcelos no projeto “Flor”. Foto de Adriano Sobral.

CORPO

O corpo da performance que é o mesmo corpo que escreve e sobre o qual escrevo é o corpo que sofre (no sentido de receber e vivenciar) a experiência e se constitui de forma integral, corpo-mente-alma, também a partir da experiência. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (LAROSSA. 2002, p.21) e “O sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (LARROSA, 2002, p. 24). Corpo-experiência, sujeito-lugar, constituição e fluxo.

A professora e bailarina Mônica Dantas (1999) recorre a Merleau-Ponty, *Fenomenologia da Percepção* (1971), para ampliar nossa visão sobre a potência da presença do corpo do dançarino: “Fala da presença corporal como o que unifica o sujeito e o objeto: pela presença corporal, sujeito e objeto aparecem como dois momentos abstratos de uma só estrutura. A presença corporal unifica também passado, presente e futuro. O dançarino é um campo de presença: nele, futuro e passado se interpõem no presente.” (DANTAS, 1999, p.110). O corpo que performa, que escreve e sobre o qual escrevo é o corpo-experiência, este “campo de presença” onde acontecem **entre**-laçamentos.



Figura 3 - Porto Alegre, 2009.⁵

⁵Com Tanise Ketterman, Samantha Luconi e Clarissa Silveira no projeto “Percurso Infinito”. Foto de Marcus Luconi.

ENTRE

O “entre” emerge dos encontros. Toda e qualquer zona de encontro que atravessa nossa existência como indivíduos e como produtores de arte, que, de forma consciente ou inconsciente, constitui a nós e aquilo que produzimos. O “entre” onde as relações acontecem, onde o que existe é mobilizado e ganha possibilidades de recriação e o que ainda não existe ganha matéria para sua existência e experiência.

O “entre” que se constitui no tempo e no espaço, no trânsito e na mescla das experiências. Se constitui na matéria e no imaterial, no visível e no invisível. Se constitui em espaços dentro do sujeito, fora dele e entre o dentro e fora do sujeito. Atravessamentos constantes que, quando cruzam e conectam com a realidade do indivíduo, de forma consciente ou inconsciente, geram pontos de experiência situados no espaço-tempo que o sujeito habita. MEYER (2010) reflete sobre a importância para o ator, e acrescento também a importância para o dançarino e performer, do conhecimento da existência destas conexões para que possa compreender seus processos e integrar corpo, mente e cérebro. Ao dar atenção ao momento presente observando a si e ao meio o sujeito abre-se ao entrelaçamento de situações já estruturadas com situações imediatas instaurando um estado propício para a ação performativa.

A proposta da performance no GT Estudos da Performance no XI ABRACE foi trazer para a consciência, a partir do corpo-experiência, esta rede complexa de conexões que compõem o momento da ação performática considerando também que a escrita de uma pesquisa em artes pode provir de processos semelhantes de apreensão. Acessar a rede de complexidades que constitui o corpo em cena assim como o corpo que escreve e rememora acontecimentos que são objeto de sua pesquisa. O corpo-experiência dos encontros, que atravessa os tempos e se constitui também na relação entre **tempos**.



Figura 4 - Porto Alegre, 2005.⁶

TEMPOS

Presente, passado e futuro. Tempos de um mesmo tempo. Camadas tramadas, tessituras conectivas da multi-temporalidade que constitui a dimensão do tempo. O aqui-agora como consciência da convergência e experiência da unificação dos tempos. A performance e a escrita buscam habitar a simultaneidade destes tempos, ancorando no corpo presente o passado e o futuro como diálogo criativo e constitutivo da experiência da cena e da escrita.

(...) pois quanto mais aguçamos o desejo de desvendar os mistérios do tempo e dele procurarmos nos aproximar, mais o tempo parece se multiplicar, e tantas outras facetas aparecem, como se fosse um objeto que se tornasse visível somente por meio de um caleidoscópio em que cada peça pudesse ser apenas parcialmente vista, e cada pequena parte construindo um jogo de infinitas imagens, em que o mais delicado movimento muda toda a sua configuração por completo. (ITOKAZU, 2008. p.13).

⁶Projeto “Transeuntes”. Foto de André Chassot.

O Tempo como fruição da existência, fruição em dança complexa, multifacetada, de organizações criativas, não lineares e quase sempre imprevisíveis. Tempo como uma dança de roda espiralada quando “Já perdemos de vista aquele tempo organizador racional de nossas experiências, e com ele não lamentamos a perda daquela duração homogênea e inócua porque contínua sucessão linear de um existir impotente de si mesmo” (ITOKAZU, 2008. P.150). Tempo das potencialidades, da duração indefinida das experiências (aquilo que nos acontece) em constante trama.

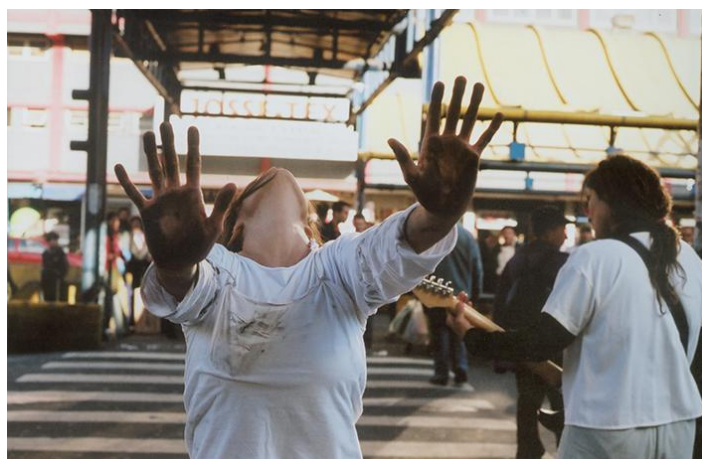


Figura 5 –Porto Alegre, 2005.⁷

CORPO ENTRE TEMPOS

O “Corpo Entre Tempos” tem sido, para a pesquisa do mestrado, dificuldade, desafio, processo, consciência, inspiração, reflexão, material de pesquisa e metodologia. Uma questão permanente e que é intensificada pelo fato da dissertação ser uma pesquisa auto-etnográfica. Utilizo o conceito de autoetnografia da autora Nunes (2014) como metodologia para pensar uma dança desde si, tendo em vista que a pesquisa que escrevo é a escavação de um percurso próprio com a intenção de compreender processos coletivos, como uma dança de si que pensa a dança com e para o outro. Conexões entre fazeres. Possibilidades comuns e compartilháveis.

Segundo Nunes “A auto-etnografia (e a biografia) permite uma abordagem menos universalizada do ato de dançar. Trata-se de uma escrita do eu que permite o ir e vir entre a experiência pessoal, singular e suas dimensões culturais e sociais.” (NUNES, 2014, p.6).

Na escrita auto-etnográfica rastreio memórias, percursos e escolhas, num exercício de escuta e observação das próprias experiências fora e dentro da cena (como artista que transita

⁷Com Laura Leiner no projeto “Transeuntes”. Foto de Fernanda Chemalle.

entre apresentações em palco italiano e performances urbanas), traçando conexões com o momento presente e intenções de futuro, me levando a reflexões sobre corpo, presença, relações, arte e cotidiano. “Em outras palavras, as sensações, percepções, sentimentos e pensamentos decorrentes da minha presença como artista envolvida na criação das obras investigadas por mim mesma constituíram os principais dados a serem produzidos.” (DANTAS, 2016. p.177).

Uma pesquisa autoetnográfica “em arte”, realizada de dentro para fora: dos processos artísticos que experimentei para a elaboração de novas formas de saber sobre os mesmos processos.

Há uma tendência a se diferenciar a pesquisa sobre arte da pesquisa em arte (Conte, 2000; Lancri, 2002; Fortin 2006). A pesquisa sobre arte aporta um ponto de vista exterior sobre as obras de arte, os processos artísticos, as condições de recepção da obra, as relações sociais e econômicas que permeiam a produção e a recepção das obras. A pesquisa em arte se situa no contexto de uma prática pessoal, é conduzida e realizada pelo artista a partir do processo de instauração da obra, articulando num mesmo processo a produção de uma obra ou situação artística e uma forma de saber sobre esta produção que interage com a obra. (DANTAS, 2016. p.170).

Portanto o “Corpo Entre Tempos” é o corpo que vive os processos da pesquisa ao mesmo tempo que é a memória acessada por ela, é o corpo que vive as sensações do presente ao mesmo tempo que reconstitui as sensações passadas, é o corpo que está na frente da tela do computador escrevendo o texto presente e ao mesmo tempo está nas imagens fotográficas das obras vividas no passado. E foi este corpo que inspirou os movimentos da performance: o corpo bordado no ir e vir, corpo coletor de vivências, transportador do que já foi vivido e que, ancorado no aqui-agora, reconstitui o corpo e as experiências passadas recriando-as e ressignificando-as.

Sendo parte importante na pesquisa o acesso à própria memória percebi que ela, a memória, emerge no devir de cada nova conexão com o passado a partir da perspectiva do presente. Memória que recria e atualiza experiências vividas a partir da experiência em “vivência”. Entrelaçamento de tempos que, ao se cruzarem, constituem um ao outro na busca de coerência. Memória tecida de verdades relativas, (in)completas pela ação da ficção proveniente da natureza dos processos humanos. A construção de uma perspectiva a partir de interesses próprios, afetos, lembranças e esquecimentos.

Segundo Thomson (1997), a memória individual é composta de várias camadas, e diferentes narradores podem evocar lembranças distintas acerca de um mesmo tempo, quando convidados a refletir e a rememorar. (...) é o presente que faz o chamamento à memória, é o entrevistado que escolhe, consciente ou inconscientemente, a história que quer contar, o que pode contar, ou, ainda, que se sente autorizado

a narrar. A lembrança é constantemente reformulada pelo que acontece no presente, e essa relação entre o passado e o presente caracteriza-se por ser um processo contínuo de reconstrução e de transformação das experiências relembradas. (ALMEIDA, 2009, p.217)

Neste processo constante entre o presente da pesquisa, o passado das memórias ressignificadas e dos materiais pesquisados e as intenções para o futuro tenho a experiência do quanto o corpo é local de convergências e que a consciência destas convergências pode sim ajudar no desenvolvimento do ato performativo e também na escrita. A consciência desta rede de cruzamentos que nos dá forma pode ser um caminho para encontrar um diálogo harmônico dentro da diversidade que nos habita.



Figura 6 – com Aylla Morena, Porto Alegre, julho de 2020.⁸

CORPO ENTRE TEMPOS DA PESQUISA - EU MESMA E OUTRA DE MIM

É do presente e também do passado (já que a cada instante o presente se torna passado e um novo presente se presentifica), entre escritos, imagens e a experiência entranhada no corpo que nasce o texto da pesquisa. Escrita entre tempos e locais diversos. Entre uma eu diversa que não é a mesma eu que escreveu o projeto de pesquisa para o mestrado e nem a mesma eu que deu início e continuidade ao trabalho. Não é a mesma e não deixa de ser. Pois, a cada momento sou eu mesma e outra de mim que escreve. “Eus” que dialogam entre

⁸Eu e Aylla Morena em tempos de lockdown, dançando em trabalho para disciplina “Escrita de Si” do PPGAC-UFRGS. Foto de vídeo de Renato da Rosa.

escritas, narrativas e perspectivas diversas. Que buscam coerências, ressonâncias e, porque não (e o mais difícil), o acolhimento de incoerências dissonantes. Uma eu mesma e outra de mim que tem se constituído entre encontros e desencontros, entre eleições federais, estaduais e municipais, entre o fogo que incendiou o Museu Nacional no Rio de Janeiro e o fogo que incendiou a minha casa. Escrevo entre o encontro com meu companheiro, mais estudos em educação somática e a gestação de uma bebê. Escrevo entre a expansão e multiplicação do meu corpo na gestação, o início e desenrolar da pandemia Covid-19 e sua onda de mortes e o nascimento da Aylla, uma menina cheia de vida; entre o crescimento e transição para adolescência de meus dois filhos, Yuri e Athos cheios de demandas sociais entre escola, esportes e lazer e o confinamento e transição para o estudo remoto. Escrevo entre tempos de sufoco por estar em isolamento dentro do apartamento e o fluxo de idas para a casa familiar na praia que se tornou aos poucos a minha morada principal. Escrevo durante uma mudança, um encaixotar de objetos e roupas, doação de utensílios e móveis, desabitação de um local que foi meu lar por 13 anos em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, e a compra de um terreno na zona rural da serra catarinense.

Estes “entres” e tantos outros estão no invisível da pesquisa. Estão em paralelo às palavras, histórias, imagens e lógicas inventariadas pela pesquisa. Realidade paralela do mesmo corpo-experiência-entre-tempos. Realidade que se trança no invisível das páginas e que, mesmo invisível, está presente e define consciente ou inconscientemente o que transborda visivelmente para o trabalho. Escrevo no entre dos tempos e espaços e a partir do corpo que habita estes tempos e espaços. A escrita proveniente do “Corpo Entre Tempos”. A escrita como “Corpo-texto Entre Tempos”, assim como o “Corpo Entre Tempos”, não é a mesma pesquisa sem deixar de ser.

Olhar para um desejo de escrita e pesquisa que vai sendo delineado noutros contextos de mundo, é encontrar o equilíbrio dinâmico entre o transitório e o permanente. É muitas vezes frear a vontade de refazer tudo a cada dia e encontrar a mobilidade necessária para a respiração de cada dia. É mergulhar no fluxo da impermanência e buscar o fio condutor, aquele que costura na narrativa e nas entrelinhas o que realmente é essencial permanecer. É escrever a partir do corpo-experiência de cada dia o corpo-texto também de cada dia. “Pois o artista não é, sob esse ponto de vista, um ser isolado, mas alguém inserido e afetado pelo seu tempo e seus contemporâneos. O tempo e o espaço do objeto em criação são únicos e singulares e surgem de características que o artista vai lhes oferecendo, porém se alimentam do tempo e espaço que envolvem sua produção.” (SALES, 2004. p.38)

Assim também acontece com o sujeito que performa: é o mesmo e sempre outro. E ter consciência desta essência transitória pode ser um caminho para dar vida à performance. É reconhecer na natureza da performance a própria natureza da vida: constante inconstância e a partir deste reconhecimento conectar-se ao fluxo constante.

A performance no XI ABRACE evocou para a constituição da presença performática esta experiência consciente do sujeito que não é o mesmo sem deixar de ser. Que ao se abrir à impermanência pode reconhecer a permanência do fluxo, dos bordados, da presença que segue tecendo, criando, recriando, significando, ressignificando e mirando o sol que nasce mais uma singular vez na linha do horizonte. Mesmo que o sol não nasça ou morra, pois tem estado sempre lá.



Figure 7 - Xangrilá, junho de 2021.⁹

CORPO ENTRE TEMPOS DE UM MESMO TEMPO

A performance apresentada também fala do corpo que é ponto de convergência de situações diversas que compõem o corpo presente. Questão que encontro cotidianamente na escrita da pesquisa pois o corpo da pesquisadora também é o corpo da mãe, mulher, artista, dona de casa, peregrina, sonhadora e tantas outras de mim mesma.

⁹Dançando movimentos da coreografia do projeto “Percurso Infinito” que aconteceu entre 2007 e 2009 para a apresentação no XI ABRACE. Foto de vídeo de André Chassot.

Perceber que aquela que escreve é uma miscelânea¹⁰ e que é possível que o texto da pesquisa também o seja, tornou-se uma característica do processo a ser exposta. A escrita como espaço de convergência da multiplicidade de “sis” que constituem aquela que escreve. A multiplicidade como valor e como matéria própria para a criação em campos diversos - na criação e ação em arte, na pesquisa acadêmica, nas leituras, no lavar a louça, no embalar as crias, etc. Deixar aparente a relação dos diversos mundos internos e externos nos quais a artista e a pesquisadora estão imersas é hoje uma escolha metodológica para o desenvolvimento da pesquisa. “(...) O que se busca é como esse tempo e espaço, em que o artista está imerso, passam a pertencer à obra.” (SALES, 2004. p.38).

É no viver o processo da pesquisa que os procedimentos para a realização da mesma se instauram. Na prática, na observação, nas encruzilhadas e nos becos sem saída. Do “(...) trânsito ininterrupto entre prática e teoria” (REY, 2002) os sentidos se processam e vão sendo integrados como condutores para a continuidade.

O artista contemporâneo, para fazer frente a habilidades e conhecimentos tão diversificados que se apresentam de forma imbricada no processo de criação, passa a constituir a arte como um campo fecundo para a pesquisa e a investigação. A pesquisa em artes visuais implica um trânsito ininterrupto entre prática e teoria. Os conceitos extraídos dos procedimentos práticos são investigados pelo viés da teoria e novamente testados em experimentações práticas, da mesma forma que passamos, sem cessar, do exterior para o interior, e vice-versa, ao deslizarmos a superfície de uma fita de moebius. Para o artista, a obra é, ao mesmo tempo, um "processo de formação" (p.59) e um processo no sentido de processamento, de formação de significado. É nessa borda, entre procedimentos diversos transpassados por significações em formação e deslocamentos, que se instaura a pesquisa. (REY, 2002, p.125-126)

E é nessa borda também que se instaura o corpo da performance apresentada, entre o ir e vir dos processos práticos e da constituição de saberes teóricos.

DO UMBIGO PARA OS UMBIGOS

Ao lidar com a realidade de que preciso estar disponível, presente e percebendo diferentes aspectos (intra, inter e extra) que compõem um mesmo momento, me deparei com as seguintes questões: Como minha trajetória e prática artística podem contribuir para alargar

¹⁰ Miscelânea - substantivo feminino: 1. Reunião de textos variados e frequentemente de autores diversos numa mesma obra; 2. (por extensão) conjunto confuso de coisas diferentes; mistura, mixórdia.

as questões da pesquisa em arte? E, a partir de um movimento de “desumbigar-se”¹¹ pode dialogar com os questionamentos atuais da performance em dança contemporânea e das artes performáticas?

E como faço para ajustar a experiência que se dá na integralidade cada vez mais complexa do corpo-experiência à reflexão sobre a experiência performativa? E da reflexão à palavra escrita? Porque dentro de todo esse processo de pesquisa achar texto-corpo que possa ganhar forma conjuntiva sem fazer com que a complexidade permaneça apenas no caos é um desafio. “Muitos artistas descrevem a criação como um percurso do caos ao cosmos. Um acúmulo de ideias, planos e possibilidades que vão sendo selecionados e combinados. As combinações são, por sua vez, testadas e assim opções são feitas e um objeto com organização própria vai surgindo. O objeto artístico é construído desse anseio por uma forma de organização.” (SALES, 2004 p.33). É a busca de um corpo-texto que abarque objetividades e subjetividades revelando algo de verdadeiro e essencial. E assim também é o corpo da performance “Corpo-entre-tempos”.

RETICENCIAS INCONCLUSIVAS

A linguagem do artista não se evidencia apenas na objetividade de uma proposta ou nas suas intenções conscientemente formuladas. A linguagem identifica-se com a subjetividade individual e acaba se revelando como uma "verdade" ou essência que se manifesta na obra, evidenciada pela maneira de fazer própria àquele artista, extrapolando, na maioria das vezes, suas próprias intenções (REY, Sandra, 2002, p.130).

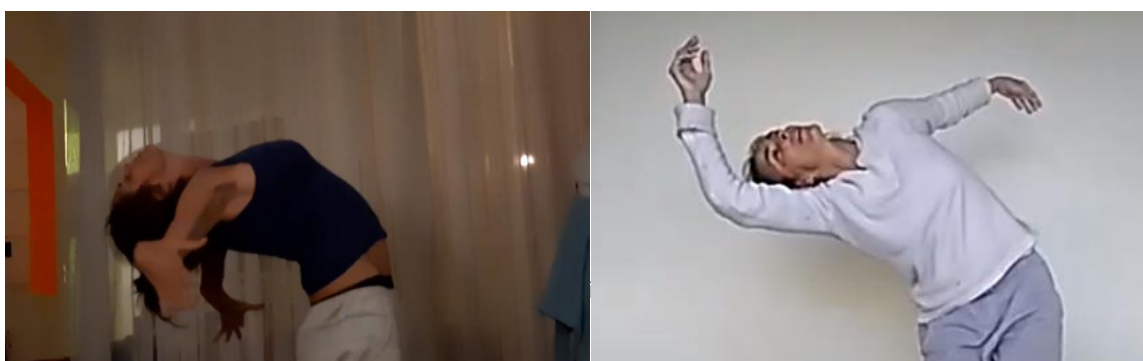
E pode a pesquisa em artes ser considerada sob este mesmo viés? Pode a pesquisa em artes considerar as subjetividades individuais dos pesquisadores e reconhecer que pesquisas também são influenciadas por subjetividades e entrelaçamentos? E que o resultado de uma pesquisa pode extrapolar suas intenções num transbordar de seu conteúdo pelo imbricamento de uma multiplicidade de experiências conscientes e inconscientes que constituem o artista-pesquisador? Estas são questões que nascem na experiência do corpo-entre-tempos que vem sofrendo a experiência do processo de pesquisa, da busca de coerência, de linguagem e de metodologia. São questões que inspiraram a proposta da performance apresentada no XI ABRACE. Questões que se transformam em desafios:

¹¹ Desumbigar-se é considerado aqui um movimento do eu para o outro e vice-versa, estabelecendo ligação e fluxo entre umbigos, uma região de ecótono formada pelo encontro dos umbigos ou uma umbigada, encontro e diálogos entre umbigos.

A implicação dos próprios pesquisadores em práticas de dança impõe desafios epistemológicos e metodológicos, seja no âmbito universitário ou não. Não é mais um pesquisador desincorporado. A dimensão incorporada da experiência e o deslocamento das noções de sujeito e de objeto nas práticas contemporâneas em dança despojam identidades e interioridades essencialistas e fixas. Inclui vivências no campo, em campo e com o campo. A noção de embodiment nas artes do corpo, a presença a partir da condição de fenômeno temporal corporificado, em contínua conexão com o meio, pressupõe a experiência e os desafios de sua compreensão e descrição. (MEYER, 2014, p.2.)

Desafios que inspiram movimentos de incorporação, que instigam buscas para o acolhimento e acoplamento visando a sinceridade e a integração daquilo que acontece no entre¹², nas entre-linhas, nos entre-tempos, nos entre-corpos. Finalizo com mais duas imagens que, como todas as outras, são referências do corpo-experiência que performa, pesquisa e escrevem entre-tempos. As imagens na pesquisa, que está em fase de conclusão, são parte da narrativa. Elas compõem junto com a escrita o corpo do trabalho. Ilustram as questões abordadas e abrem janelas para outras formas de compreensão que complementam as reflexões textuais. Para o presente texto trago tanto fotografias dos três trabalhos que estão no corpo da pesquisa de mestrado quanto fotografias mais atuais, do corpo-experiência que vive o processo de pesquisa.

As imagens como a emersão suspensa no tempo-espaco dos fenômenos acontecidos. Um recorte do momento capturado na dimensão imagética da abertura do diafragma da câmera. Imagens como rastros que perpetuam na vida que segue a vida que já se foi. Assim como no corpo a marca da experiência permanece nas células que já são outras, também na imagem permanece retida a impressão do que já não é mais e que segue sendo cada vez que adentra o diafragma do olho que recebe a imagem suspensa da foto. Imagens que tocam onde as palavras não tocam, que ampliam as possibilidades narrativas da pesquisa e que tecem junto com as palavras um tecido multidimensional.



4) no interior de; dentro de.

Figure 8 - Porto Alegre, julho de 2020¹³Figure 9 – Xangrilá, junho de 2021¹⁴

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris. **As memórias e a história da educação: aproximações teórico-metodológicas** - História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 211-243, Jan/Abr 2009. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphehttps://pt.calameo.com/read/000724963a60f173f75f9>

DANTAS, Mônica. **Dança o Enigma do Movimento**. Porto Alegre: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

_____. Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança. **Urdimento**, v.2, n.27, p.168-183, Dezembro 2016)

ITOKAZU, Ericka Marie. **Tempo, duração e eternidade na filosofia de Espinosa**. Tese apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Filosofia, sob a orientação da Profa. Dra. Marilena de Souza Chauí. São Paulo, 2008.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. 2002.

MEYER, Sandra Nunes. **O corpo do ator em ação**. Livro: Greiner, Chistine, Org.; Amorim, Cláudia, Org. Leituras do corpo. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. **Perspectivas auto-etnográficas em pesquisas com dança contemporânea** UDESC / Santa Catarina [Microsoft Word - Texto Sandra Meyer.docx \(abant.org.br\)](#)

REY, Sandra. **Por uma abordagem Metodológica da Pesquisa em Artes Visuais**. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas/ organizado por Blanca Brites e Elida Tessler. - Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (coleção Visualidade; 4.)

SALES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística. São Paulo. FAPESP, Annablume, 2004.

¹³Trabalho para a disciplina remota “Escrita de Si” no PPGAC-UFRGS durante o lockdown, 3 meses após o parto da Aylla. Foto de vídeo de Renato da Rosa

¹⁴ Foto da gravação da apresentação do trabalho no XI ABRACE.